

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 23 de maio de 2018**

Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, pp. 236-246 e J. Carrón, “Introdução” em Eis que faço uma coisa nova: não o notais?, Julho 2018, pp 4-16.

- *Amare ancora*
- *Aconteceu*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: Bem-vindos! Começamos o nosso trabalho sobre o último trecho de *Porquê a Igreja* e, sobretudo, sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade. Nas contribuições que chegaram prevalece o impacto que muitos de vocês experimentaram em relação ao tema da familiaridade com Cristo. É o início da aventura de conhecimento à qual Dom Giussani nos convidou. Em que consiste esta familiaridade, não como definição mas como experiência?

Há algum tempo tenho dentro de mim um incómodo, que ficou mais agudo depois de algumas coisas que enfatizaste durante os Exercícios. Falar de familiaridade com Cristo, para mim, sempre coincidiu com uma familiaridade com quem me transmitiu e me transmite uma humanidade diferente, com ser atraída por quem vejo que vive as coisas de todos de um modo diferente, com uma paixão diferente; desde pequena fui educada (por causa de uma positividade transmitida pela minha família e por tantos encontros feitos) a dar o nome de Jesus. No tempo, essa familiaridade passou através de rostos e formas que agora são diferentes do início. Nos Exercícios, quando falaste do valor da companhia, retomando Giussani, disseste: “A nossa companhia deve ir mais fundo, mais a fundo, deve dizer respeito a nós mesmos, deve dizer respeito ao nosso coração”, ela deve [...] impelir-nos a ‘uma relação pessoal com Ele’”. Em relação a isso – “uma relação pessoal com Ele” –, parece-me que é preciso perceber traços que eu não consigo distinguir dos traços da companhia. Quais são os sinais que documentam que, através da familiaridade (feita de carne) que vivo com a companhia, a minha relação pessoal com Jesus está a crescer? Não consigo realmente distinguir a “familiaridade com a companhia” da “familiaridade com Cristo”. Um texto ao qual te referiste nos Exercícios diz: “Se não tivesse personalidade a um certo ponto autónoma, [...] um rosto em última instância singular, traços inconfundíveis também naqueles que Ele mesmo criou como sinal de Si [...] parece-me que não procurariam a Cristo”. Não quero perder o melhor, podes ajudar-nos a aprofundar isto?

A primeira coisa em que nos devemos ajudar é em darmos conta dessa questão, porque é este o desafio que está diante de nós agora. É evidente que a familiaridade com Cristo passa através dos traços da companhia, mas Dom Giussani ajuda-nos a perceber que isso não é mecânico e que poderíamos ficar na aparência. Aprofundar os traços da companhia cristã introduz-nos a esta familiaridade, mas, como vimos em tantas ocasiões no Evangelho, esta passagem não é automática: os discípulos também tinham Jesus diante deles – pensemos no episódio da barca e no dos pães que citámos nos Exercícios –, no entanto isso não determinava, por si só, um modo diferente de estarem na realidade. Evidentemente, com a sua humanidade, Jesus torna-Se presente no meio de nós de um modo que nos escancara a algo mais. Ouçam o que diz o Evangelho de São João: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai a não ser por mim [o caminho é a carnalidade de Cristo]. Se me conhecêsseis, também certamente conheceríeis o meu Pai; desde agora já o conheceis, pois já o vistes” (Jo 14,6-7). Tudo pareceria claro, mas, um instante depois, Filipe, como se não tivesse ouvido aquelas palavras, faz-Lhe um pedido: “Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta” [...] Há tanto tempo que estou convosco, e não me conheces, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai. Como é que dizes: ‘Mostra-nos o Pai...’. Não credes que estou no Pai, e que o Pai

está em mim?” (Jo 14,8-10). Há uma ligação evidente entre a humanidade de Cristo e o Pai. No entanto, apesar da ligação que Ele reforça – não a atenua, não a diminui –, Filipe não chega a dar-se conta daquilo a que Ele o introduz. E por isso faz aquele pedido, que é um pouco como o seu. Jesus insiste: “As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras. [...] Eu estou no Pai, e o Pai está em mim. Crede-o ao menos por causa destas obras” (Jo 14,10-11). Ou seja, o facto de estar diante da carnalidade de Jesus leva a ir além. Jesus quer introduzir os Seus amigos a uma familiaridade com a origem de Si, que é o Pai. Os discípulos podem ficar na aparência ou entrar nessa familiaridade que os introduz naquela relação pessoal com o Infinito. Assim como não podiam olhar para os traços de Cristo sem que remetessem ao Pai, do mesmo modo nós não podemos olhar os traços da companhia sem chegar a Cristo, àquele rosto “em última instância singular”, como tu disseste. É muito bonito como Dom Giussani descreve isso num texto memorável, durante um encontro com pessoas do Grupo Adulto: “É realmente muito bela [...] [esta] música, tanto como foi cantada, como o sentimento [...] de amizade e de fraternidade e de companhia numa aventura [pode parecer que tudo se esgota nisso]. No entanto, se as coisas pudessem ser elencadas assim como as elenquei agora e pronto, e fosse dado por óbvio algo de outro [como nos conhece bem, adverte-nos: atenção!] –, aceite e reconhecido (sejamos claros!) [todos citam Jesus], mas dado por óbvio –, e Seu nome não fosse produto de uma ênfase de diálogo, de um desejo de se fazer ouvir, de um desejo de ouvi-Lo; se não tivesse [uma] personalidade a um certo ponto autónoma, se não tivesse um rosto em última instância singular, traços inconfundíveis também daqueles que Ele próprio criou como sinal de si mesmo...” (*L’attrattiva Gesù*, Bur, Milão 2001, p. 148). Como se vê se isto não acontece? Como podemos verificar se ficámos parados num mundo de familiaridade belíssima – de cantos, de música, de amizade, de companhia – e não chegámos ao reconhecimento desta personalidade autónoma, deste rosto “em última instância singular”? Qual é o sinal de que muitas vezes não chegámos até aí?

O trabalho sobre a Introdução dos Exercícios está a fazer surgir muitas perguntas sobre a familiaridade. No segundo parágrafo, perguntas: “Quem de nós hoje disse ‘Tu’ a Cristo, com aquela familiaridade com que trata as presenças que lhe são verdadeiramente queridas?”.

Perfeito! Vamos parar um instante e pensar nisto: quantos de nós – aqui presentes ou conectados por vídeo – hoje disseram “Tu” a Cristo com essa familiaridade? Todos estamos aqui na companhia e durante o dia encontrámos algumas pessoas, mas quantos hoje Lhe disseram “Tu”? Identificar isto – como tu fizeste –, faz-nos começar a responder à pergunta: quais são os sinais que revelam que eu não parei na aparência? Disseste: começar a dizer “Tu” a Cristo.

De facto, essa pergunta abriu em mim uma ferida que tento sempre fechar. Conto um facto para me explicar melhor. Estou na universidade e algumas semanas atrás voltei para casa para estar com meu irmão que tem dificuldades com o estudo. Naqueles dias, de facto, estava todo empenhado em estar com ele, convencido de que estudando comigo ele melhoraria. Eu motivava-o com muitas frases bonitas, pensando que ajudaria. Porém, quanto mais fazia isso mais percebia que aquelas frases eram justas, eram bonitas, mas eram vazias até para mim.

Podemos dizer frases que, embora justas, são vazias.

Exato. Porém, eu mesmo tinha necessidade de ouvi-las e descobri-las verdadeiras para mim. Depois, durante um jantar em família, o meu pai contou sobre os Exercícios e falou da gratidão por aquela companhia que o ajuda a viver uma familiaridade com Jesus e que se exprime também em gestos como o Fundo Comum. Mas nos muitos gestos que são propostos, vejo sempre as minhas objeções a voltar. Penso numa venda pública da Passos na qual participei. Eu ficava parado no meio das pessoas a pensar nos meus preconceitos: “Porque preciso de fazer isto?!”, “Para que serve?”, embora na noite anterior tivesse descoberto, junto com um grupo de amigos, a conveniência desse instrumento para mim. No dia seguinte, todo aquele trabalho foi deitado fora por causa da minha objeção, por causa da minha impressão sobre as coisas. Porque é que a minha objeção, a minha impressão sobre as coisas é algo errado se é o primeiro dado que surge em mim?

Isto acontece sempre comigo, inclusivamente na relação com a minha namorada ou com os meus amigos da comunidade. De facto, quando estou na Escola de Comunidade ou com a minha namorada tenho sempre um problema sobre o que dizer e o que fazer, reduzindo tudo às habituais frases justas, mas vazias. E percebo que tudo isso resulta na “desmoralização” da qual tu falas, porque estou mais apaixonado por outra coisa do que por Cristo. Mas se trato as pessoas queridas deste modo, se esta familiaridade não existe nem com elas, como pode a companhia ajudar-me contra esta “desmoralização”, ou seja, como pode ajudar-me a dizer “Tu” a Cristo?

O que mostra aquilo que estás a dizer? Mesmo não havendo familiaridade com a companhia – como dizes –, qual é a ajuda que a companhia te dá? Como desafia a tua “desmoralização”? Com a sua irredutibilidade! O que teus os pais fizeram, conforme o que disseste? Independentemente da tua postura naquele dia, eles desafiaram-te durante o jantar, tanto é verdade que sentiste o golpe. Uma certa impressão é a primeira reverberação que provoca em ti o deparares-te com a irredutibilidade de uma presença. A questão é que essa impressão deve servir para ires mais a fundo nas coisas, não para parar nela. A impressão que surge em ti não é errada, é o início que faz com que te interesses por uma certa coisa. Como disse Dom Giussani nas premissas de *O Senso Religioso*: o sentimento atrai-te para o objeto para suscitar o teu interesse, senão, permanecerias indiferente. O problema nasce quando paras na aparência e não segues a impressão que quer levá-la além. Então, como te ajuda a companhia? Com a sua irredutibilidade desafia as tuas impressões, como fez o teu pai, impulsiona-te a não parar na impressão, senão, perderias o melhor, como vês. Deparas-te constantemente com uma diversidade cheia de limites, mas é diferente da tua. É isso que desafia a “desmoralização” porque se não encontrasses uma irredutibilidade à tua frente, a “desmoralização” venceria, prevaleceria na tua vida. Pelo contrário, com todo o nosso limite, com toda a nossa fragilidade, vemos como a nossa “desmoralização” é desafiada. Basta reler a carta, citada na Introdução, daquela senhora que participou na Via Sacra: não era um gesto ao qual fosse particularmente sensível – tanto é verdade que não ia há anos –, e provavelmente não conhecia muitas das pessoas que estavam com ela em *Caravaggio*, mas o que desafiou a sua postura? A irredutibilidade de um facto, foi isso que a colocou em movimento. Então, porque é que a familiaridade com Cristo e a não-redução do sinal à nossa impressão são tão importantes?

Em relação a todos os problemas e às perguntas que tu colocas, questiono-me se a necessidade principal para uma real relação com Cristo, o mais densa e constante possível, não será, no fundo, a de um exercício contínuo e sincero de olhar para o próprio coração perguntando-lhe o que realmente deseja. Na minha experiência, a distância de Cristo é favorecida pelo facto de que no fundo de mim busco muitas outras coisas que, depois, se revelam insuficientes; pelo contrário, a proximidade com Ele volta quando tenho coragem de olhar com grande simplicidade para os meus desejos e necessidades mais profundos. Embora acreditando que seguramente é necessária essa simplicidade de coração, gostaria de entender se estou a simplificar um problema maior para entrar nesta consciência.

Não, tu não estás a simplificar, não estás a banalizar o problema; estás a colocar diante de todos um fator fundamental do diálogo entre ti, o teu coração e Cristo. A única questão que precisa de ser entendida é que o coração, minha amiga, te é dado para intercetar a resposta. O coração não é a resposta, é o critério para intercetar a resposta, para o reconhecimento daquilo que corresponde à tua espera. Por isso, no texto que eu lia antes, diz-se: “Se [Cristo] não é objeto pensado (memória), dito (invocação), contemplado com espanto [...] traduzindo-se em letícia por uma presença; se os dias passam sem que se diga ‘Tu’ a não ser na repetição apressada de fórmulas [vazias, dizia a colocação anterior]” (*ivi*), tudo o que fazemos não basta. Quais são os sinais que revelam que estamos a entrar nesta familiaridade? Quais são os sinais que revelam que estão a começar a ter familiaridade com uma pessoa? O facto de não conseguirem deixar de pensar nela (memória), de não poderem não desejá-la (invocação), de não ser possível não sentir um espanto diante daquela presença, um espanto “que se traduz em letícia por uma presença”. Numa linha, Don Giussani descreveu uma série de sinais dessa familiaridade. Aquela senhora que participou na Via Sacra

concluiu, citando o título dos Exercícios do ano passado: “O meu coração exulta porque Tu, Cristo, vives”. Percebe-se que se reconheceu verdadeiramente uma presença porque exalta o coração, porque fica contente pelo facto de que Ele vive, como quando alguém se apaixonou e diz à pessoa amada: “Que bom que tu existes! Porque se não existisses ou se eu não te tivesse encontrado, não poderia viver esta exaltação de mim, esta letícia. Sou feliz porque tu existes”. A diferença não está nas fórmulas que usamos como palavras vazias, mas na densidade, na intensidade que a presença desperta em nós para poder dizer de um modo novo: “Sou feliz porque Tu vives”. Qual é a verificação disso? Uma pessoa pode mudar-se para o estrangeiro e encontrar um trabalho perfeito, adequado para si, excepcionalmente satisfatório, ficar entusiasmada com ele, no entanto, não basta. Não lhe basta e dá-se conta de que não consegue ficar tão contente como quando estava aqui, determinada pelo reconhecimento de uma Presença. Por isso, Giussani preocupa-se em dizer-nos: se não há um conhecimento mais intenso de Cristo, as coisas podem até ir muito bem, a pessoa pode encontrar o trabalho certo, estar entusiasmada e ser reconhecida por todos, ter uma criatividade fantástica e as pessoas “se espantarem com a sua contribuição, com o seu modo de falar: as pessoas que estão ali são como o início do mundo [novo] que se dá conta dela [Giussani descreve com todos os detalhes para mostrar a grandiosidade daquilo que acontece] [...]. Mas não é suficiente” (*ibidem*, p. 149). O nosso coração, amiga, tem uma tal exigência que quanto mais é despertado, mais se dá conta de que a resposta é o que nos foi dado, não está naquilo que conseguimos fazer. E o critério para identificá-la é o coração. Como me escreve uma amiga que mora muito longe para fazer a sua intervenção pessoalmente: “a parte que mais me tocou e que não me deixou tranquila da Introdução de sexta-feira foi esta: “‘se tudo o que esperamos não se esgotar totalmente no que nos foi dado, no facto de que nos foi dado’, no facto de Cristo, todas as nossas atividades [estupendas, maravilhosas, com todo o entusiasmo por elas], tudo o que fazemos ‘torna-se a espera do nosso reino’” [e não nos basta]. Como fazer para manter desperta essa atenção à iniciativa d’Aquele que me faz? Como posso perceber se estou a construir o meu reino ou o Seu?”. Em que é que se vê? Porque, por um lado, o que fazemos não nos basta, por outro, construímos sobre uma plenitude, o que tu fazemos nasce de uma plenitude e não do esforço de preencher o vazio que há em nós, nasce de uma Presença de tal modo prodigiosa que nos torna livres no presente.

Lendo a Introdução de sexta-feira à noite, fulminou-me o reconhecimento de que aquelas palavras iluminavam a minha experiência. Viver com atenção a minha experiência fez-me entender aquelas palavras, em particular o ponto três, onde citas Dom Giussani e a sua insistência, a sua perseverança em chamar a nossa atenção para a única coisa que pode satisfazer o coração. Lembro-me do quanto, há “séculos atrás”, quando estava na universidade, esta contínua mudança do centro da atenção me aborrecia...

Quanto a aborrecia, entendem? Era uma irreduzibilidade a si mesma que a aborrecia. Era isso que mais desafiava a sua “desmoralização”, também nesta modalidade.

Lembro-me de que, quando fazia alguma coisa obedecendo, Giussani dizia: “Não é isso”. E eu: “Como não é isso?”. Depois, durante todos estes anos, aos poucos, estando na Igreja dentro da nossa companhia, vi crescer à minha volta, na escola com os jovens ou fazendo catequese na paróquia, amizades muito bonitas com pessoas que aos poucos se envolveram na nossa vida por causa do fascínio pela amizade que havia entre nós. Como a amiga que veio comigo esta noite. De algum modo, fui para eles e para o meu marido apenas um sinal, uma companhia de mediação do bom Deus. Como agora me sinto responsável por mim mesma, em primeiro lugar, e por estas amigas, dou-me conta de como é verdadeira a preocupação do Gius: se paramos na superfície desta bela experiência, ela desilude-nos logo, não serve mais para nós, não alcança a vida quotidiana (os filhos, a saúde, todas as vicissitudes da vida) e torna-se um clube fechado. Mas nós não temos tempo a perder. Por isso, agradeço-te muito por continuares a insistir sobre a única coisa necessária para viver.

Esta é a verdadeira companhia, que constantemente nos faz ir a fundo nas coisas, porque o desejo de Giussani é acompanhar-nos no caminho. O que é que Giussani faz connosco? O mesmo que

Jesus fazia com os Seus discípulos: não desiste – “Vocês não entendem?” –. Não desiste com que objetivo? Para que não paremos na superfície das coisas, senão, cedo ou tarde ficaremos desiludidos. Por isso Giussani diz que podemos estar numa festa estupenda, maravilhosa, mas se a tomada de consciência daquilo que estamos a viver não se torna, a um certo ponto, consciência de uma presença “em última instância singular”, iremos embora desiludidos. Porque não são as coisas que fazemos que nos podem realizar, mas somente a Sua presença. Muitas vezes, pensei: quantas pessoas, naquela situação, ou em tantas outras nas quais vivemos experiências semelhantes, sentiram a urgência de dizer o Seu nome, de não parar na beleza do que estava a acontecer? Atenção, porque Giussani não estava a ser místico, como pensamos sempre diante de certas coisas que ele dizia: “Bom, era Giussani!”. Não, não, não! Só uma pessoa apaixonada pode dizer isto. Porque se te convidam para uma festa da empresa no lugar mais romântico do universo (com velas, um lago, com tudo perfeitamente organizado), mas falta a tua mulher, tudo é belo, mas sem ela é muito pouco para ti. Nesta festa vocês não “devem” fazer memória da mulher; o problema é que não conseguem deixar de fazer memória dela! Pensar nela nasce de dentro da experiência que vocês fazem: quanto mais bela é a experiência, tanto mais me dou conta de que falta ela. Por isso, é de uma experiência humaníssima como esta que nasce o anseio de Dom Giussani: que tudo seja ocasião de memória. Um homem jamais pensaria: “Como sou casado, então devo sentir saudades de minha mulher”. Se está verdadeiramente envolvido com uma presença não pode deixar de sentir a urgência de que ela esteja com ele na festa. Repito: é uma experiência humaníssima. Por isso, Dom Giussani diz-nos: “Fiquemos atentos, porque a presença de Jesus entre nós pode ser a origem de todo um mundo de humanidade, cheio de gozo e amizade, de razões formalmente indiscutíveis e de uma ajuda formal, e materialmente concreta, que este mundo está pronto a oferecer-nos [...], e no entanto Jesus poderia ficar reduzido ao ‘retrato de uma bela mulher esculpido no seu monumento sepulcral’” (*ibidem*, pp. 150-151), ou seja, a algo vazio. O facto de Giussani não desistir – como nos lembramos por experiência própria – é o testemunho de qual é a verdadeira companhia que nos faz ir até o fundo, uma companhia irreduzível a todas as nossas reduções. E isto emerge com clareza, como me escreve uma de vocês: diante de uma grande dúvida se deveria ou não ir aos Exercícios, “num breve momento de lucidez, depois de voltar da missa, olhando para o nosso filho [o que tem a ver olhar para o filho com ir aos Exercícios?], disse ao meu marido: “Porque é que não vamos aos Exercícios? Sei que isso significaria deixá-lo com os avós, etc, mas [prestem atenção à ligação que faz] o que realmente podemos deixar ao nosso filho se não lhe transmitimos isto?”. Fiquei comovida, e o meu marido também [e decidiram ir]. Perguntei-me: o que me levou (melhor: nos levou) às lágrimas? Algo que estava a rasgar alguma coisa em mim: a minha medida. Ali, tive a sensação de me ter tornado mãe [foi esclarecedor!]. Que herança, o que posso lhe dar a não ser um Bem tão grande que vai além do facto de ser uma boa mãe?”. Superou todas as dificuldades em relação a com quem deixar o filho porque entendeu que esta adesão era o que a fazia tornar-se verdadeiramente mãe. Quando nos encontramos numa situação como esta, bloqueamos. Pelo amor de Deus, se for necessário ficar em casa porque não há outra forma, a pessoa renuncia, o Mistério encontrará outro modo de nos alcançar. Mas outra coisa é usarmos as dificuldades para uma justificação. Pelo contrário, quando se dá este momento de lucidez, todas as objeções se reduzem a nada e começamos a identificar uma resposta. A carta continua: “O meu dia é cheio disto: estou no trabalho e penso que deveria ir para casa, estou em casa e penso que não fiz algumas coisas no trabalho, porém, ali, ficou realmente evidente que há Alguém que me diz: ‘Não me interessa quanto faças aqui ou ali, Eu quero-te assim’, e faz-me ser mais mãe do que poderia sê-lo [vemos que está a crescer uma familiaridade com Cristo pelo facto de que começamos a nos perceber-nos de outro modo]. Depois dos Exercícios voltei para a rotina de todos os dias e as coisas continuavam as mesmas: há o trabalho, a casa, penso na casa e penso no trabalho, mas tenho a certeza de que há um lugar onde posso respirar de novo porque posso encontrá-Lo. E, então, retomei a Escola de Comunidade com um pouco mais de seriedade por causa desta intuição que muitas vezes na minha vida, volta, e que muitas vezes esquecerei, como me esqueci. Porém, por sorte, ela mostra-se novamente”.

Impressionou-me muito quando, na sexta-feira à noite, retomando Dom Giussani, tu nos disseste que o critério e a verificação para reconhecer se Cristo entrou na nossa vida, ou seja, se nos é mais familiar, é se o acontecimento de Cristo incide na minha maneira de viver, de estar diante do real, das situações e dos desafios quotidianos. Se não for assim, ou seja, se não temos esta familiaridade, enfrentamos a realidade como todos, quer dizer, a partir das impressões que as coisas suscitam em nós e, como todos, acabamos por ficar sufocados numa vida que “quebra as pernas”. Isto provoca-me muito. Neste período dramático por causa das dificuldades que os meus pais estão a atravessar, percebo que quando não parto de Cristo, do facto de que Ele existe e abraça tudo, e que nem uma lágrima é perdida, a angústia toma-me e eu não consigo sequer falar com meus pais ao telefone. Só Cristo me torna livre de todos os projetos e impressões. Partir de Cristo não significa eliminar a pergunta do sentido das dificuldades, não me faz sentir que está tudo bem, não me torna tranquilo. Partir de Cristo significa entrar em relação com Ele, repor n’Ele toda a necessidade de sentido que tenho, certo de não estar sozinho. Isto muda também o modo como posso fazer companhia aos meus pais. Dou um exemplo: no outro dia, falando com a minha mãe, esforçava-me para encontrar elementos positivos que de algum modo dessem horizonte ao dia. Depois, retomando os Exercícios, dava-me conta de que o ponto também não é este, a questão não é encontrar coisas positivas que deem uma aparente satisfação dentro da dramaticidade da vida, o ponto é estar seguro de uma relação, estar certo de que Aquele que me dá as coisas, as dá para mim e para o meu caminho, e isto é bom e positivo, não é preciso mais nada. É o caminho que o Senhor me está a dar. Esta semana, a minha mulher lembrava-me de que quem está a permitir estas dificuldades é Aquele que há algum tempo atrás deu coisas belas aos meus pais. Estou a descobrir que a familiaridade com Cristo não muda as circunstâncias, mas dá uma satisfação plena dentro da dinâmica da vida, com todas as suas aparentes contradições. Talvez me esteja a ser pedido, mais do que nunca, que lembre a minha mãe deste amor: que na vida, mesmo nas dificuldades, somos amados. Sinceramente, não sei concretamente como fazer companhia aos meus pais – sempre pensei que fossem os pais que devessem apoiar os filhos e não o contrário. Para mim, tudo isto é uma descoberta contínua, porque me vejo, infelizmente, ainda muito frágil, apesar de todos os milagres que vejo acontecer à minha volta. Estou grato a esta companhia que me sustenta e ajuda o meu olhar a permanecer fixo em Jesus.

Esta é a tarefa da nossa companhia. E podemos ver quando a tarefa se realiza: quando não é assim “a angústia toma-me”, mas, quando está presente “torna-me livre de todos os projetos”. Então “partir de Cristo significa entrar em relação com Ele”, de novo; em relação com Ele e com aquela presença de traços inconfundíveis, “em última instância singular”. “Estou a descobrir que a familiaridade com Cristo não muda as circunstâncias, mas dá uma satisfação plena dentro da dinâmica da vida”: é impossível dizer isso se a pessoa não o vive, se não faz experiência disso. Somente quando a pessoa descobre esta estrada, é que se vê a fazer coisas que acreditava serem impossíveis. O que tu dizes impressiona-me muito: tu podes fazer companhia aos teus pais nesse momento de dificuldade exatamente por causa do caminho que estás a fazer, senão, proprias soluções que são falíveis, para ti e também para os pais, para os filhos, para os colegas, para os amigos do grupo de Fraternidade. Podemos verdadeiramente tornar-nos companhia uns para os outros, uma companhia que não desiste, apenas se estivermos em caminho, se descobrimos constantemente o que introduz na nossa vida a familiaridade com Cristo. Então a pessoa tem vontade de comunicar isso à mãe ou ao vizinho, como me escreve uma pessoa do estrangeiro: “No mês passado, morreu um vizinho nosso, um senhor de noventa e sete anos que morava na nossa rua desde que nasceu e era uma memória histórica. Víamo-nos sempre no jardim e as nossas conversas eram sempre sobre jardinagem, ele brincava connosco dizendo que o nosso jardim dava pena enquanto o dele estava sempre bem cuidado e exuberante. Há cerca de um ano, consciente de que a morte se aproximava e vendo que não conseguia estar mais em pé, de repente, disse-me: ‘Para que serve nascer se, depois, tudo o que se viveu acaba no nada, na terra?’. Naquele momento experimentei uma comoção tal e uma ternura profundíssima por ele, que me fez dizer: ‘Amigo,

nada do que é belo e bom será perdido. Tudo permanece para sempre. Há uma grande festa que te espera no Paraíso’. Ele olhou-me de modo irónico e perguntou: ‘Tu acreditas mesmo que exista essa festa?’. E eu, com lágrimas nos olhos, disse: ‘Tenho a certeza!’. De repente, o seu olhar mudou, encheu-se de uma grande nostalgia. Apoiou a sua cabeça nos meus ombros e disse: ‘Então convidame para esta festa’. Desde aquele instante, tudo o que pudemos fazer para o ajudar nos meses difíceis que se seguiram – até ser internado num hospital – estava carregado daquela promessa que Deus fez acontecer naquele dia no jardim. Quando morreu, vi, com dor, que os seus familiares, que não acreditam em nada, não tinham organizado nem sequer um funeral laico, apenas um encontro num bar para todos os que o conheciam. Então, decidi escrever-lhes uma carta onde contava a conversa que tive com ele no jardim, porque aquele facto salva tudo e todos. A irmã dele respondeu-me agradecendo e disse que o seu irmão falava muito de nós e tinha guardado os desenhos das nossas filhas entre as suas coisas mais queridas, até ao fim. Diante de um facto como este, não posso deixar de pedir de joelhos ao Senhor que Ele use a minha vida, que a tome segundo o Seu desígnio para que todos os irmãos homens que cruzarem o nosso caminho possam ser convidados para o banquete celeste que nos espera. Como para o bom ladrão: um instante de comoção diante de Cristo salva tudo, salva-me a mim e àqueles que encontro do nada no qual parece que a vida pode afundar”. Por detrás da insistência de Giussani sobre a familiaridade com Cristo está a luta contra o nada! Não se trata apenas de nos tornarmos um pouco mais piedosos ou devotos, entendem? O verdadeiro desafio é – parafraseando a pergunta daquele velhinho –: para que serve nascer se, depois, tudo o que se vive acaba no nada? E se depois da experiência que vivemos juntos quando nos encontramos a situação muda ou a festa acaba, no dia seguinte, não resta nada? A tentação de Montale está sempre à espreita: voltar-se e ver apenas “o nada às minhas costas, o vazio detrás / de mim, com um terror de ébrio”. (“Talvez uma manhã andando em ar de vidro...”, vv 3-4, em *Ossos de Sépia*). Por isso, como é que se vê se há em nós essa familiaridade com Cristo? No facto de que posso olhar com uma certeza no coração a situação mais dramática da vida, quando a pessoa começa a aproximar-se da morte. Às vezes são os outros que nos fazem perceber, que nos tornam conscientes daquilo que carregamos.

Sou universitária e quero contar um facto que aconteceu na faculdade com uma colega de curso de quem gosto muito. Nestes três anos de universidade sempre tive uma relação muito bonita e livre com ela, porém, nunca verdadeira até o fundo. De facto, sempre tive dúvidas sobre se devia dizer-lhe que sou católica e que participo no movimento Comunhão e Libertação, também porque ela é ateia. Nestes últimos dois meses aconteceram factos que me impressionaram e me fizeram perceber que eu não faço nada, mas é o bom Deus que age. Um dia, estávamos na faculdade para uma Assembleia e eu, sendo representante estudantil, estava a falar com a coordenadora do curso sobre algumas questões que a preocupavam. A minha colega, escutando a nossa conversa, reagiu dizendo: “Professora, a senhora tem sorte de ter uma aluna assim!”. A professora respondeu: “Sim, ela é inteligente, é boa, é disponível”. Então a minha colega explodiu, dizendo: “É feliz, por isso a sigo”.

“É feliz!”. Diga com ênfase, como a sua colega deve ter dito! Não ficas entusiasmada a contar isto? A tua amiga não deve ter falado tão tristemente, não é verdade? Vamos lá!

“É feliz, por isso a sigo!!! Quero ser assim! Além disso ela tem muitas qualidades”. Comecei a chorar e abracei-a. A partir daí, nasceu uma nova relação entre nós e comecei a contar quem eu era, o que o CLU significa para mim, quem são os amigos da Escola de Comunidade e como vivo o quotidiano: o estudo, a vida no apartamento e as coisas que tenho para fazer durante o dia. Ontem as aulas terminaram e, como não nos veremos mais tanto quanto antes, ela teme que a nossa relação acabe, porque quer ser acompanhada em todas as perguntas que tem.

Estão a ver? Surge a tentação, o medo de que “a nossa relação acabe”.

Eu respondi que o mais belo ainda estava para começar e que, através da sua simplicidade em estar diante das perguntas, era ela que, antes de mais, me estava a ajudar a ser séria comigo mesma. Ficou muito tocada, despedimo-nos com um abraço e, em silêncio, ela foi para a estação.

Hoje ela escreveu-me contando que uma professora sua, da primária, morreu e que sentiu necessidade de ir ao enterro, dizendo que não está muito claro o motivo pelo qual foi, mas que teve vontade de o fazer. Penso que, diante disto, torna-se evidente que é um Outro que faz. Estou realmente comovida pelo que o bom Deus me faz viver no quotidiano. Que superabundância!

Às vezes, faz-nos descobrir isto através de alguém que percebe – antes e mais do que nós – toda a novidade que carregamos. Somente isto pode verdadeiramente convidar a ir até o fundo, até à origem do que o outro vê em mim e que me devolve, de outro modo não conseguiríamos encontrar uma resposta adequada para os desafios da vida.

Há alguns dias atrás, enquanto estava na sala de professores, um colega meu veio despedir-se de mim e de outra colega dizendo que seria o seu último dia na escola porque iria para o hospital com a filha, que foi diagnosticada com uma leucemia e precisa de tratamento urgente. Ele ficará lá, não a sua mulher, porque ela acabou de ter um filho. Estava muito tranquilo, cheio de dor, mas muito sereno, embora a situação seja difícil. Ficaré pelo menos um mês no hospital com sua filha e a visita, permitida apenas algumas horas por dia, é apenas para uma pessoa. Disse que tem medo que a sua mulher vá se abaixo com todas estas preocupações, mais o cuidado com as filhas. Como moramos perto, eu disse-lhe: “Algumas tardes posso levar a tua filha mais velha ao parque com as minhas”, e a conversa terminou aí. Depois de ele ir embora, a outra colega disse: “Este é um momento de ajuda a partir dos factos, não de muitas palavras. Vamos preparar um prato de lasanha para levar ao hospital”. E era verdade, olhando para ele, era verdade que não era preciso dizer muitas palavras. Por um momento, identifiquei-me com a sua mulher, com as outras filhas, e a terra tremeu debaixo dos meus pés: ela tem um recém-nascido que precisa de amamentar oito vezes por dia, tem outra criança em casa, e o marido está no hospital com a filha doente. Eu não conseguia mais respirar, tinha a sensação física de que um camião de tijolos tinha descarregado toda a sua carga nos meus ombros. Mas aquele colega tinha chegado exatamente no momento em que eu estava a meditar sobre a Introdução dos Exercícios e tinha acabado de sublinhar esta frase: “Jesus respondeu: ‘Para vós é impossível, mas para Deus nada é impossível’. Este é o fundamento da esperança, da possibilidade de resgate da desmoralização, do decair da inclinação do coração àquilo para o qual foi feito: Deus tornou-se homem, Cristo. ‘Um homem novo entrou no mundo e, com ele, um caminho novo’: o impossível tornou-se possível”. Então vi uma coisa nova: que o destino daquela criança, da sua mãe, do seu pai e das suas irmãs é bom, eles são preciosos aos Seus olhos e tenho a certeza disso por tudo o que me aconteceu. Eu disse isso à minha colega, pedindo que também me ajudasse, para que a nossa amizade chegue até ali, senão eu farei o prato de lasanha, mas será outro tijolo a pesar nos meus ombros, dada a minha inadequação em relação à necessidade imensa que eles têm e que eu tenho.

É a partir da necessidade que vemos nos outros e em nós que pode vir, depois de tê-Lo encontrado, a urgência de buscá-Lo, pela descoberta em nós de uma familiaridade com Cristo, senão nós também, mesmo vivendo na Igreja e estando na companhia, podemos perceber uma notícia deste tipo como um peso insuportável. Por isso, depois dos testemunhos desta noite, veio-me à cabeça este trecho de Dom Giussani: “Se [Jesus] viesse aqui em silêncio [...] e se sentasse numa cadeira, próximo e [...] num determinado momento percebêssemos que está ali [...], em quantos a afeição seria verdadeiramente espontânea, embora conservando uma certa consciência de si. [...] [Ou] sentir-nos-íamos cobertos [...] de vergonha [...] [porque] não dissemos “Tu” [...] [seriamente]”. O que quer dizer que não Lhe dissemos “Tu”? Prestem atenção em como continua a frase de Giussani: significa “o não total naufrágio no nosso eu coletivo no seu Eu pessoal”. Está a dizer que nós reduzimos o Eu pessoal de Jesus, o Seu rosto inconfundível, na extensão do nosso eu coletivo. Com frases como esta, de uma intensidade única, Giussani convida-nos, através de desafios reais, a uma companhia real. Não é preciso diminuir em nada a carnalidade da nossa companhia, mas somente quando nos encontramos em determinadas situações, como a que ela acabou de descrever, percebemos a urgência de viver uma companhia adequada aos desafios, para poder estar diante da realidade, porque se não nos apoiamos, as circunstâncias esmagam-nos. Damo-nos conta, assim, de

que a companhia verdadeira, aquela que não desiste – como nos disse a nossa amiga, lembrando Dom Giussani –, é para sustentar a esperança. Senão, o niilismo difundido será vencedor. Porém, não vencerá, porque na história há uma presença irredutível: a Igreja à qual pertencemos.

Por isso, começamos este caminho de trabalho sobre a provocação que foram os Exercícios para descobrirmos cada vez mais em nós em que consiste a familiaridade com Cristo. Todos conhecemos a palavra, todos sabemos a sua definição, mas é uma coisa bem diferente que esta familiaridade comece a ser de tal modo carnal que não possamos mais passar os dias sem dizer “Tu” a Cristo, sem o procurar, sem sentirmos a Sua falta a ponto de que tudo o que nos acontece se torne uma provocação para O procurar, o desejar, O pedir.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira, 20 de junho, às 21h00. Continuaremos o trabalho sobre a “Introdução” dos Exercícios da Fraternidade. O livrinho dos Exercícios será anexado à *Tracce* de julho. Pode ser uma ocasião para apresentar o conteúdo a outras pessoas. Difundi-lo pode ser também uma bela ajuda para muitos – pode ser os pais, o vizinho, o nosso colega, o nosso amigo –, que podem receber uma palavra de esperança para a própria vida, um caminho que torne possível, também para eles, uma familiaridade com Cristo, tão necessária para viver. O que nos foi dado é para todos.

Livros para o verão. Propomos alguns livros que podem nos ajudar a viver essa familiaridade:

- *Gaudete et exsultate*. Exortação Apostólica sobre o chamamento à Santidade no mundo contemporâneo, do Papa Francisco.
- *La convenienza umana della fede*, de Luigi Giussani (volume 2 da coleção Bur – Cristianismo à prova, que reúne os Exercícios da Fraternidade pregados por Giussani de 1985 a 1987), estará nas livrarias a partir de 19 de junho.
- *La voce unica dell'ideale. In dialogo con i giovani*, de Julián Carrón (San Paolo). Este livro reúne os textos de dois encontros que tive com finalistas do secundário, em 2010 e em 2013.
- *A sombra do Pai. História de José de Nazaré*, de Jan Dobraczynski (Cultor de Livros)
- *Fundada sobre a Rocha. Uma História da Igreja Católica*, de Louis De Wohl (Rei dos Livros). Releer de modo essencial as frases fundamentais da Igreja católica pode ser uma ajuda também para entender tantos dos temas que vimos e ouvimos na Escola de Comunidade.

Trabalho voluntário no Meeting de Rímini. Reforço que este ano é pedida, de maneira particular, a participação dos adultos tanto no pré-Meeting quanto no Meeting.

Para mais informações, podem escrever para o e-mail volontari@meetingrimini.org

Procissão de Corpus Christi. Depois da EdC que fizemos sobre os sacramentos, é mais fácil para todos compreender por que a Igreja celebra a festa de *Corpus Christi* com uma procissão pública. Fá-lo para testemunhar a todos que a própria esperança se apoia sobre a Presença real de Cristo dentro do sinal da hóstia, ou seja que o centro da nossa companhia, o ponto de origem da nossa companhia é uma Presença de traços inconfundíveis, “ultimamente singular”. Por isso, somos todos convidados a participar da procissão no local onde moramos.

Veni Sancte Spiritus